

Publicado na revista eletrônica Tigre Albino Volume 3, Número 1. 2010.

ISSN: 1982-9434

Disponível em:

<http://www.tigrealbino.com.br/livro.php?idvolume=a9ca1602e448bbedfa2b4a5b3fa4f10e#baacb209e1c65a597db0ceaaa8364c0b>

Tem rei, tem princesa e tem poesia... É poema ou é história?

Ana Klauck

Magrilim e Jezebel em: O rei do abecê, de Fábio Sombra, foi lançado em 2009, pela editora Lê e dá seguimento à saga de Magrilim, um rei-herói cujas aventuras são narradas em versos da mais alta qualidade. (A história desse magrelo começou em 2008, com Peleja do violeiro Magrilim com a formosa princesa Jezebel, também pela Lê). *O livro de Sombra* (até o nome do autor é poesia!) não é cordel, porque não foi encadernado nem impresso como cordel.

Particularmente, eu não adquiri o exemplar como cordel, tampouco ele estava exposto como cordel na livraria. Não é cordel, ou é? Já nem sei. Tem espírito de cordel, isso tem. Tem cordel na capa, nos versos, nos personagens. Tem cordel até no título e no nome divertido do autor. Tem cordel na história, cheia de desafios e aventuras, e na ilustração que, embora não seja xilogravura, traz o nordeste nas cores e nos traços.

Nessa mais recente peripécia, os dois heróis, o Rei Magrilim e a Princesa Jezebel, recém casados e retornados da lua-de-mel, são desafiados por um tirano muito insolente que se intitula Rei do Abecê e o melhor rimador das redondezas. O casal de heróis se revolta com tamanha arrogância do rei e, principalmente, se incomoda com as atitudes do monarca, que transforma em seu escravo todo aquele que perde em sua batalha de rimas. Jezebel e Magrilim não se conformam com as injustiças desse déspota e, justiceiros que são, decidem aceitar a peleja de rimas para poder ajudar o povo aprisionado.

Toda narrada em versos de cordel, a história fica mais interessante no momento que começa a briga entre os desafiantes. A batalha de rima entre os reais viaja pelo alfabeto e propõe que cada letra seja contemplada com uma palavra, seja fruta ou bicho, e um verso. A riqueza na rima de Sombra impressiona e sua métrica poética é perfeita. A poesia do autor faz

composições interessantes e inusitadas, além de conduzir a história de maneira rica e cheia de música. A leitura é suave e dinâmica. A gente quer ler pra continuar versando e quer ler pra saber da história:

Foi no reino da Alfredônia
Que a peleja se travou;
Bem na praça do mercado
O povão se aglomerou
Pra saudar o casalzinho
Quando este lá chegou
(...)
As apostas em dinheiro
Começaram, logo cedo;
Mas, quem sabe por receio
Ou talvez por certo medo,
Quase todos preferiram
Apostar no rei Alfredo
(SOMBRA, 2009, s/p.)

Além de versos cuidadosos e bem construídos e uma rima divertida, sonora e esteticamente atraente, a construção de imagens da história de Magrilim é bela e repleta de recursos que remetem à realidade nordestina (especialmente nas falas dos personagens, que vez ou outra professam maravilhas da expressão popular). Apesar do conto se passar em um reino distante, as construções de Sombra repercutem elementos da cultura agreste, nas cores dos versos e das ilustrações, fazendo mais forte a cada linha a natureza cordelesca de sua poesia.

As referências ao repente, esse poesia cantada e improvisada, cujas raízes muito se enroscam nas do cordel, também aparecem na aventura de Magrilim, já que o próprio se intitula violeiro, assim como seu desafiante. A grande peleja que enfrenta Magrilim com o Rei do Abecê nada mais é do que um grande desafio de repente, a partir de um mote específico a ser desenvolvido em versos pelos participantes. A retomada do repente pela poesia de cordel de Sombra ocorre nas referências à música e nos versos que os personagens improvisam, em sua peleja de palavras. (Mas, se repente é arte cantada e improvisada, como transcrevê-lo em um livro?). Sombra dá voz aos personagens e deixa que os próprios violeiros realizem seus arranjos (e tem até trecho em inglês!). Essas duas artes, do cordel e do repente, se misturam na obra de uma forma atraente e simpática; lendo, em alguns

momentos, me vi cantarolando aqueles versos, sensível que fiquei a sua música e ritmo.

Nesse trecho, os dois desafiantes recebem os temas para o torneio:

E assim os dois violeiros
Receberam por sorteio
Os temas que cantariam
Na disputa do torneio
Rei Alfredo tirou FRUTAS
E sorriu seu riso feio

Depois veio Magrilim
E um papel tirou, dobrado.
Nele, lia-se ANIMAIS
O seu tema sorteado.
O torneio agora estava
Para ser iniciado.

Rei Alfredo então pediu:
- Quero ser logo o primeiro!
Falou grosso e fez careta
Pra assustar o forasteiro
Magrilim sorriu-lhe e disse
- Siga em frente companheiro!
(SOMBRA, 2009, s/p.)

A competição de versos que os dois violeiros travam é divertidíssima, pois repleta de palavras e referências engraçadas. Na intenção de cantar todas as letras do alfabeto, os competidores são obrigados a improvisar e arranjar termos diferentes e inusitados, o que torna o sério torneio (a liberdade de um povo está em jogo!) uma disputa irreverente. E, nessa batalha de palavras, Alfredo, aquele rei tirano que desafiou Magrilim, demonstra que não estava tão preparado assim para disputar com nosso herói e sai em desvantagem na competição. Magrilim dá um show de versos e palavras na temática animais e recorre a bichos curiosos para satisfazer sua criatividade. Mas, mais do que apenas por astúcia, Magrilim vence com o amparo de sua esposa, Jezebel, que faz alguns versos para ajudar o marido. Jezebel se diverte com as recém agregadas ao nosso alfabeto w, y e k, e dá uns pulos em língua estrangeira pra poder temperar a competição, a qual ela e o marido vencem:

Então o povo delirou
Aplaudindo, entusiasmado,
E, aos gritos decretou:
O torneio está encerrado

O casal de vencedores
Foi nos ombros carregado.
(SOMBRA, 2009, s/p.)

A brincadeira com as palavras e com as letras do alfabeto constrói com inteligência a poesia dessa obra, que tece seus versos com uma mão, enquanto tricota uma história com a outra. As imagens que o texto arquiteta remetem ao maravilhoso, usando elementos dos contos de fadas (reis, rainhas, castelos...) para edificar uma poesia narrativa rica em significação e sonoridade. A combinação entre som e sentido, nesse caso, não dá à luz somente um conjunto rico de imagens, mas uma história, que acaba se confundindo com a própria poesia, já que tem uma batalha poética como um de seus motes.

Como bom cordel que é, a obra de Sombra traz uma mistura de monarcas, um povo sofrido que precisa ser libertado e, é claro, heróis bondosos e competentes, dispostos a combater injustiças. A aventura tem tudo o que a gente precisa: tem herói e tem heroína também, tem um grande desafio (de palavras!), do qual depende um povo inteiro, e tudo isso acontecendo em um reino bem distante, mas que muito se parece com umas terras daqui mesmo. A história de Magrilim e Jezebel é uma maravilha pra quem gosta de um bom conto e um deleite pra quem viaja na poesia. O texto é bem escrito e bem ilustrado e a edição da Lê se completa com uns comentários divertidos que aparecem no final da obra. Os versos de Sombra são pura brincadeira, brincam com a língua e com a história, desafiam os personagens e, principalmente, o leitor. (E não é assim que a poesia tem que ser mesmo?).

SOMBRA, Fábio. Magrilim e Jêzebel em: *O Rei do Abecê*. Belo Horizonte: Lê, 2009.